



Prática de Ensino Supervisionada em Ensino Básico de Educação Visual e Tecnológica

Metodologia de Projeto como Estratégia de Motivação e Criatividade na Disciplina de Artes Plásticas

Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

André Romero Passaporte Mateus

Dezembro 2013



Prática de Ensino Supervisionada em Ensino Básico de Educação Visual e Tecnológica

Metodologia de Projeto como Estratégia de Motivação e Criatividade na Disciplina de Artes Plásticas

Sob a orientação do Professor Carlos Telo Rodrigues

Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

André Romero Passaporte Mateus

Dezembro 2013



"A escola de Atenas" Raffaello Sanzio (1510),
Palácio Apostólico, Vaticano

*«A criança não é um recipiente que devemos encher,
mas um fogo que é preciso atear.»*
MONTAIGNE

AGRADECIMENTOS

Agradeço os contributos que me foram facultados no decurso de toda a prática pedagógica, em especial ao Professor Orientador Carlos Telo Rodrigues, pelo acompanhamento sistemático, incentivo e motivação nas diferentes fases que envolveu o trabalho desenvolvido ao longo do Prática Profissional Supervisionada no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Lisboa.

À Direção da Escola Secundária José Gomes Ferreira os meus agradecimentos, que ao disponibilizar a sua turma, tornou possível a articulação com a Escola Superior de Educação de Lisboa, de forma a implementar o Projeto de Intervenção no âmbito da Prática Profissional Supervisionada, na perspetiva que no futuro possa contribuir para a evolução da Educação.

Agradeço também à Professora Cooperante Cristina Barreto, pelo apoio prestado na minha lecionação na turma 2 do 7º ano de escolaridade, da qual é docente das disciplinas de Artes Plásticas e de Educação Visual.

Mas também tenho uma palavra de agradecimento aos alunos, que foram a força motriz para o sucesso das Unidades de Trabalho desenvolvidas nas aulas, e com quem partilhei um ambiente de ensino e aprendizagem de verdadeiro enriquecimento enquanto professor e como pessoa, vendo refletido num crescente empenho no desenvolvimento de todas as atividades propostas, que foram partilhadas com toda a comunidade educativa, através da exposição final dos trabalhos.

Os meus agradecimentos a todo o corpo docente que faz parte do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, pelo seu empenhamento conjunto em prol da valorização da formação dos docentes de Educação Visual e Tecnológica, que foi de primordial importância para a minha aprendizagem profissional.

RESUMO

O Projeto de Intervenção (P.I.) inscreve-se no âmbito da Prática Profissional Supervisionada pela Escola Superior de Educação de Lisboa, integrada no Mestrado em Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico.

O presente P.I. decorreu, no ano letivo 2011/2012, na escola Secundária José Gomes Ferreira com uma turma do 7º ano de escolaridade do 3º Ciclo do Ensino Básico, na disciplina de Artes Plásticas. Teve como objetivo geral o desenvolvimento de práticas que promovessem a motivação e empenho dos alunos com recurso à Metodologia de Projeto, refletindo-se na qualidade e nos hábitos de trabalho adquiridos ao longo das Unidades de Trabalho (U.T.).

De acordo com a Literacia das Artes no Currículo Nacional do Ensino Básico; (Ministério da Educação, 2011), os objetivos específicos do projeto consistiram na formação de alunos motivados para as aprendizagens nas áreas visuais, no incentivo à pesquisa contínua, na promoção do sentido autocrítico dos seus resultados, bem como, a melhoria das relações na turma e na transferência das competências que iam adquirindo para novas situações, na perspetiva da resolução de problemas que lhes fossem surgindo.

Pretendeu-se avaliar a influência da Metodologia de Projeto no comportamento e nos métodos de trabalho dos alunos. Neste sentido colocou-se a seguinte questão de investigação, De que forma, a Metodologia de Projeto na disciplina de Artes Plásticas do 3º Ciclo do Ensino Básico, pode contribuir para o sucesso dos alunos e minimizar problemas de comportamento dentro da sala de aula?

Os resultados obtidos demonstraram a existência de melhorias nas dimensões do comportamento e dos métodos de trabalho no grupo turma no decorrer do ano letivo 2011/2012.

Palavras-chave: Metodologia de Projeto; Literacia das Artes, Métodos de trabalho; Sucesso Escolar

ABSTRACT

The present Project of Intervention (P.I.) is inserted in the standard Supervised Professional Practice developed by Lisbon Superior Educational School (Escola Superior de Educação de Lisboa), integrated in the master's degree in Visual and Technological Education in Basic Education.

The present Project took place in the academic year of 2011/2012 at José Gomes Ferreira State Secondary School, with a class in Artistic Subjects of the seventh grade of the third stage of the basic education. The general focus of the Project was the development of practices, using Project Methodology in order to promote students motivation and endeavor, therefore improving skills and knowledge acquired along Work Units.

According to the Literacy in Arts inserted in the National Basic Education Curriculum (Ministry of Education, 2011) the specific objectives of the Project consisted of training students motivated in learning visual arts, encouraging them to continuous search, promoting critical analysis of results as well as the improvement of relations in the group and transferring new acquired competences in the perspective of problem solving capability.

The present Project pretends to evaluate the influence of Project Methodology in student behavior and working methods. The following main research question was thus put: in which way the Project Methodology in Artistic Subjects in the third stage of the basic education can contribute to the students' success and to minimize behavior problems in class?

The results show improvement in class behavior and in working methods, in the academic year of 2011/2012.

Key words: Project Methodology, Literacy in Arts, Working methods, Success at School.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
ÍNDICE	iv
ÍNDICE DE FIGURAS	vi
ÍNDICE DE QUADROS	vii
ÍNDICE DE GRÁFICOS	viii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	ix
CAPÍTULO I - Introdução	1
1. Metodologia de Projeto	1
2. Objetivos Do Projeto De Intervenção	5
CAPÍTULO II - Metodologia	7
1. Caracterização da Amostra	7
1.1. A Escola	7
1.2. A Turma	7
1.3. A Disciplina e a Sala	8
2. Estruturação Do Projeto	9
2.1. Processo Diagnóstico - Recolha De Informação	9
2.1.1. Jogo do Galo	10
2.1.2. Bolas de Natal	10
2.2. Avaliação Diagnóstica Dos Alunos	11
2.3. Operacionalização Da Problemática	11
3. Processo de intervenção	12
3.1. Planificação das Unidades de Trabalho	13
3.2. Gravura	14
3.2.1. Gravura em Relevo - Tema A: Desenho Livre	14
3.2.2. Gravura em Relevo - Tema B: Desenho geométrico	15
3.2.3. A Gravura em Oco - Tema A: Desenho Livre	16
3.2.4. A Gravura em Oco - Tema B: Recriar a obra de arte	17
3.3. Quadro Coletivo de Turma	18
3.4. A Exposição	20
3.5. Avaliação dos alunos	21
CAPÍTULO III - Análise de resultados	24
CAPÍTULO IV - Conclusão	29

Referências Bibliográficas	32
Anexos	34
Anexo I - Caracterização da Escola/ Projeto Educativo	35
Anexo II - Projeto Curricular de turmaAnexo III - Planificação a Médio Prazo (Unidades de Trabalho) - Fase de Diagnóstico	36
Anexo III - Planificações a Curto Prazo - Fase de Diagnóstico	37
Anexo IV - Diários de Bordo - Fase de Diagnóstico	38
Anexo V - Imagens dos resultados das Unidades de Trabalho - Fase de Diagnóstico	39
Anexo VI - Ficha de Autoavaliação e Grelha de avaliação Final	40
Anexo VII - Planificação a Médio Prazo (Unidades de Trabalho) - Projeto de Intervenção	41
Anexo VIII - Planificações a Curto Prazo - Projeto de Intervenção.....	42
Anexo IX - Diários de Bordo - Projeto de Intervenção	43
Anexo X - Grelhas de observação diárias e finais das Unidades de Trabalho.....	44
Anexo XI - Recursos Didáticos apresentados	45
Anexo XII - Imagens dos resultados das Unidades de Trabalho - Projeto de Intervenção	46
Anexo XIII - Fichas de Autoavaliação e Grelha de avaliação Final.....	47
Anexo XIV - Imagens das Exposições Finais dos Trabalhos elaborados pelos alunos	48

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1. JOGO DO GALO DA ALUNA Nº 24	10
FIGURA 2. JOGO DO GALO DO ALUNO Nº 22	10
FIGURA 3 TIRAS DE CARTOLINA	10
FIGURA 4. DECORAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR	10
FIGURA 5. EXEMPLO DE GRAVURAS EM RELEVO DE TEMA LIVRE	15
FIGURA 6. EXEMPLO DE GRAVURAS EM RELEVO-DESENHO GEOMÉTRICO.....	15
FIGURA 7. EXEMPLO DE GRAVURAS EM OCO DE TEMA LIVRE (TIPO DE IMPRESSÃO 1).....	16
FIGURA 8. EXEMPLO DE GRAVURAS EM OCO DE TEMA LIVRE (TIPO DE IMPRESSÃO 2).....	16
FIGURA 9. EXEMPLO DE GRAVURAS EM OCO RECRIANDO A OBRA DE UM ARTISTA PLÁSTICO (MALANGATANA).....	17
FIGURA 10. EXEMPLO DE GRAVURAS EM OCO RECRIANDO A OBRA DE UM ARTISTA PLÁSTICO (SALVADOR DALI)	17
FIGURA 11. EXEMPLOS DE RECRIAÇÃO DA OBRA DE ARTE DO ARTISTA PLÁSTICO HUNDERTWASSER - CORES QUENTES	19
FIGURA 12. EXEMPLOS DE RECRIAÇÃO A OBRA DE ARTE DO ARTISTA PLÁSTICO HUNDERTWASSER - CORES FRIAS.....	19
FIGURA 13. QUADRO COLETIVO - CORES QUENTES	19
FIGURA 14. QUADRO COLETIVO - CORES FRIAS.....	19
FIGURA 15. EXPOSIÇÃO DAS GRAVURAS E MATRIZES EM RELEVO.....	20
FIGURA 16. EXPOSIÇÃO DAS GRAVURAS EM OCO	20
FIGURA 17. EXPOSIÇÃO DOS QUADROS COLETIVOS	20

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1. UNIDADES DE TRABALHO DA FASE DE DIAGNÓSTICO	9
QUADRO 2. PROBLEMÁTICAS E FONTES DE INFORMAÇÃO	12
QUADRO 3. UNIDADES DE TRABALHO DA FASE DE INTERVENÇÃO	13
QUADRO 4. CORRESPONDÊNCIA ENTRE NÍVEIS E PERCENTAGEM DAS METAS	21
QUADRO 5. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO	22
QUADRO 6. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOS MÉTODOS DE TRABALHO	23
QUADRO 7. NOTAS FINAIS DOS ALUNOS DO GRUPO DA FASE DE DIAGNÓSTICO	24
QUADRO 8. NOTAS FINAIS DAS U.T. E NÍVEIS FINAIS DOS ALUNOS DA FASE DE INTERVENÇÃO	26

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. AVALIAÇÃO DA DIMENSÃO COMPETÊNCIAS/ APRENDIZAGENS POR U.T. NA FASE DE DIAGNÓSTICO	25
GRÁFICO 2. AVALIAÇÃO DA DIMENSÕES DAS ATITUDES E VALORES (COMPORTEAMENTO E EMPENHAMENTO) DA FASE DIAGNÓSTICO	25
GRÁFICO 3. AVALIAÇÃO DAS U.T. NA DIMENSÃO DOS MÉTODOS DE TRABALHO NA FASE DE INTERVENÇÃO	27
GRÁFICO 4. AVALIAÇÃO DAS U.T. NA DIMENSÃO DO COMPORTEAMENTO NA FASE DE INTERVENÇÃO	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E.S.E. - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

P.C.T. - PROJETO CURRICULAR DE TURMA

P.E.E. - PROJETO EDUCATIVO DE ESCOLA

U.T. - UNIDADE DE TRABALHO

P.I. - PROJETO DE INTERVENÇÃO

M.T. - MÉTODOS DE TRABALHO

CPT - COMPORTAMENTO

NS - NÃO SATISFAZ

SP - SATISFAZ POUCO

S - SATISFAZ

SB - SATISFAZ BEM

SMB - SATISFAZ MUITO BEM

OCDE - ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO

UNESCO - UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION

XPS - POLIESTIRENO EXTRUDIDO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo refere a base teórica na qual assenta todo o projeto: a *Teoria da Metodologia de Projeto*; o segundo capítulo corresponde à descrição dos principais objetivos e à descrição da metodologia de estudo subdividida em três fases: (1) Fase de Diagnóstico, na qual se recolheu informação acerca da amostra, do contexto socioeducativo, do contexto sociocultural e das problemáticas da turma relativamente à dimensão do comportamento e dos métodos de trabalho; (2) Fase de Intervenção, na qual se insere o projeto elaborado com base na fase anterior; (3) Fase de Avaliação Diagnóstica dos Alunos; o terceiro capítulo apresenta os resultados obtidos e respetiva análise; e por último, o quarto capítulo referente à conclusão e considerações finais.

1. Metodologia de Projeto

Os professores desempenham a sua profissão numa sociedade que apresenta desequilíbrios de diversa ordem, com uma diversidade cultural cada vez maior. As escolas vêm-se confrontadas com sucessivas reformas, dificultando a resposta às diferentes necessidades dos alunos tanto "daqueles que estão lá apenas por obrigação e daqueles que estão lá por convicção ou simples aceitação" (Estrela, 2010, p. 6).

Da pesquisa elaborada emergiu a necessidade de ponderar acerca do papel do Homem, da Educação e da Escola na sociedade. Jean Rostand (citado por Savater, 1997, p. 28) dimensiona a cultura como "o que o homem acrescenta ao homem", no sentido em que a educação é o projeto ou molde do ser humano numa perspetiva de que, quando nasce, a criança só tem disposições que lhe são conferidas biologicamente e só através da educação ministrada, vai adquirindo informações que lhe proporcionam formação e identidade enquanto ser social. Savater (1997) refere que em todos os contextos existe aprendizagem e que todos podem ensinar quer de forma espontânea, quer pela via formal.

Vemos acrescida à escola e aos professores, a responsabilidade de encararem a liberdade e a autonomia enquanto valores essenciais à integração social, pelo que deverão formar cidadãos autónomos e participativos: "Enquanto processo educativo, a educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo". (Ministério da Educação, 2011, Currículo e Programa de Educação para a Cidadania).

O Relatório de 1996 dirigido à UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (Delors, 1998), contempla quatro pilares da Educação: (1) *Aprender a conhecer*, pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, despertar

a sede de conhecimento, a capacidade de aprender, e que o aluno construa as suas próprias opiniões e o seu próprio pensamento crítico; (2) *Aprender a fazer*, consiste em aplicar, na prática, os seus conhecimentos teóricos para poder agir sobre o meio envolvente, envolvendo uma série de técnicas a serem trabalhadas; (3) *Aprender a viver juntos*, contempla as atitudes e valores envolvidos na “descoberta progressiva do outro” e a participação em projetos comuns a fim de cooperar com os outros em todas as atividades humanas; (4) *Aprender a ser*, que depende dos pilares anteriores, envolve a sensibilidade, o sentido estético, a responsabilidade pessoal, a imaginação e o pensamento autónomo e crítico. Desta forma, o referido relatório sublinha que, “escolher um determinado tipo de educação equivale a optar por um determinado tipo de sociedade, no sentido de salvaguardar o princípio fundamental da igualdade de oportunidades” (Delors, 1998, p.193).

A educação deve assim proporcionar às crianças e jovens, referências e meios de desenvolvimento das suas capacidades intelectuais, comunicativas e físicas, tendo como pressuposto a educação para a cidadania, isto é, a educação para os valores e para a consciencialização da relação recíproca entre direitos e deveres.

Oliveira-Formosinho (1998, 2004, 2007, referido por Formosinho e Formosinho, 2011) refere que existem dois modos de ensinar, a mera transmissão de conhecimento e a participação em que o professor planeia com os alunos envolvendo todos os intervenientes neste processo de planeamento e de construção. Os movimentos de renovação pedagógica vêm sublinhar esta posição, defendendo a substituição do “saber livresco pelo saber experimental, substituir a cultura e o ensino abstrato e formal pelas virtudes próprias de uma cultura autêntica, viva, prática e interpessoal, unindo a escola à vida” (Gambôa, 2011, p.51).

Formosinho e Formosinho (2011) referem que nas pedagogias participativas apoia-se o envolvimento da criança na sua aprendizagem num "continuum experiencial", descobrindo os seus interesses e motivações (p.18). Ao professor cabe-lhe o papel de observar e orientar as atividades, criando condições para que se verifique o sucesso (Castro & Ricardo, 2001).

Nesta linha de construção do próprio conhecimento, Decroly fundou os Centros de Interesse nos quais os alunos escolhiam o que queriam aprender, construindo o seu próprio currículo, através de desenvolvimento de projetos que assentariam em três pontos: (1) observação direta; (2) associação do que foi observado; e (3) a expressão do pensamento dos alunos através da arte (Castro & Ricardo, 2001). Dewey (citado por Castro e Ricardo, 2001) defende que a educação deverá ser experimentalista, bem como, incluir os interesses dos alunos no processo, associando a educação a objetivos práticos e reconhecendo as diferenças individuais no seu ritmo de aprendizagem.

Este contributo confere à educação o objetivo de educar as crianças e os jovens como um todo, proporcionando a interação de vários domínios "intelectual, motora, afetiva,

criadora e comunicativa", criando condições para que consigam resolver por si próprios os seus problemas, em que as atividades criativas e manuais ocupam um lugar de destaque na medida em que desenvolve o espírito de comunidade, estimula a cooperação e gera um espírito social (Castro & Ricardo, 2001, p.13). O processo educativo depende da comunicação, da troca de ideias, de experiências e até de sentimentos sobre as situações do quotidiano.

Barroso (1992) salienta que a sociedade atual é segundo Barbier, uma civilização de projetos. Um projeto implica empenho e autonomia por parte de quem nele participa, assumindo um carácter de "microideologias da ação quotidiana" que direcionam o seu trabalho a partir de princípios e valores definidos para a sua construção e implementação (p.17).

A "pedagogia do projeto" teve um carácter técnico, sendo introduzida nas escolas através da elaboração dos Projetos Educativos de Escola (P.E.E.), tendo como objetivo uma efetiva autonomia das escolas, passando a ser uma prática nos países da OCDE e das Comunidades Europeias a partir dos anos 80 e em Portugal essa nova filosofia teve o seu reforço com o Decreto-Lei nº 43/89 (Barroso, 1992, p.18).

O modelo de ensino aprendizagem da Metodologia de Trabalho de Projeto tem como objetivo que os alunos aprendam conteúdos e competências escolares com sucesso, potenciando a tolerância e aceitação da diversidade e o desenvolvimento de competências sociais. Dewey (1910, citado por Gambôa, 2011, p. 56) referia que esta metodologia apresenta duas fases iniciais, nas quais se "operacionalizam a transferência dos enunciados epistemológicos da filosofia pragmatista para o terreno educativo: (1) Para que o aluno pense, estude (o que no sentido verdadeiro do termo significa investigar) é necessário, primordialmente, que haja uma experiência na qual ele se encontre implicado (interessado); e (2) essa experiência, para que suscite a reflexão, tem que ter em si uma qualidade problemática ou alguma coisa nova que escape à rotina e desperte curiosidade".

Tonnuci (1986, referido por Castro e Ricardo, 2001) salienta que o papel do professor é recolher os interesses e motivações dos alunos e com base nestes apresentar conteúdos que sejam próximos, evidenciando os conhecimentos presentes.

Assim, procurou-se que o presente trabalho tivesse inerente a valorização de uma prática pedagógica que estimulasse a iniciativa, criatividade e pensamento crítico dos alunos e desenvolvesse o respeito pelas suas diferenças.

Leite, Malpique e Santos (1989, referidos por Castro e Ricardo, 2001) salientam que apesar dos temas poderem ser propostos pelo professor, procura-se que os alunos demonstrem interesse em trabalhá-los, para que isto aconteça poderá por vezes ser necessário fazer alguns ajustes ao planeamento inicial para que este e os interesses dos alunos se possam conjugar.

Santos (2005, p.10) realça que o professor é um agente facilitador do processo Ensino/Aprendizagem e responsável pelo sucesso dos seus alunos, dentro e fora da escola, e desempenha um papel de “mediador do conhecimento de orientador das aprendizagens e ainda o de facilitador do desenvolvimento de competências relacionais e pessoais”, promovendo o desenvolvimento de atitudes e competências pessoais e académicas.

Para que o professor possa de facto ser um agente mediador na aprendizagem dos alunos, este deverá conhecer: "o conteúdo" das matérias a ensinar; "o conteúdo pedagógico", que se refere aos conteúdos e à pedagogia específica dos professores; "os alunos" e as suas características; a "pedagogia geral", correspondendo aos princípios e estratégias gerais de gestão e organização da sala de aula; "os contextos educativos", desde os trabalhos em grupo até características das comunidades educativas; os "currículos", referente aos materiais e programas em vigor; os "objetivos e valores educativos" (Shulman, 1987, referido por Arends, 2008, p.21).

De forma a compreender como se desenvolve a aplicação da Metodologia de Projeto, Castro e Ricardo (2001) referem que respeita uma ordem lógica de procedimentos e operações que se interligam, e que conseguem “transformar um problema em projeto e concretizá-lo é, em última análise, o objetivo da pedagogia de projeto, entendendo-se por problema a diferença entre a situação existente e uma outra que é desejada” (Mateus, 2011, p.7).

É necessário ter em conta as várias dimensões que o projeto poderá abranger, nomeadamente: (a) na criação de um ambiente de aceitação individual e coletiva, de confiança que, desenvolve a autoconfiança e respeito mútuo criando hábitos de negociação para resolver problemas (contexto afetivo); (b) desenvolver um ambiente que estimule intelectualmente os alunos proporcionando a contribuição de cada um (contexto cognitivo); (c) a responsabilidade partilhada e a distribuição de tarefas que criem condições para a colaboração e a autonomia (contexto social); (d) corresponde à organização do espaço sala de aula, dos móveis, materiais e alunos e professor (contexto físico); (e) *Escutar*, atitude fundamental para o desenvolvimento das competências sociais que se pretendem obter, quer entre alunos quer em relação ao professor; (f) Expressar-se com clareza de forma a todos os alunos compreenderem o que se pretende (Castro & Ricardo, 2001, pp. 19-20).

De acordo com a metodologia de projeto de Munari (2011. p.65), o projeto obedece a várias fases: (1) definição do problema; (2) componentes do problema; (3) recolha de dados; (4) análise dos dados; (5) criatividade, (6) materiais e tecnologias; (7) experimentação; (8) modelo; (9) verificação; (10) desenho construtivo; (11) solução. O Problema funciona como catalisador para toda a ação que, obedece a uma ordem de acontecimentos direcionados para a resolução do mesmo, em que cada etapa do processo é fundamental para a obtenção do sucesso.

A pergunta de partida traduz o que o investigador procura compreender, sendo para isso necessário que seja corretamente formulada, na medida em que será a linha de investigação, devendo ser clara, viável e pertinente. A hipótese "Alicerçada numa reflexão teórica e num conhecimento preparatório do fenómeno estudado (fase exploratória), representa como que uma pressuposição ... sobre o comportamento dos objetos reais estudados" (Quinvy & Campenhoudt, 1998, p.119).

É igualmente importante que se registem e se anotem os pontos fortes e fracos de cada etapa, de modo a contribuir para uma análise reflexiva do processo e consequente melhoria do mesmo.

Mais especificamente na educação da literacia em artes importa que se verifique a "apropriação das linguagens elementares das artes, o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação, o desenvolvimento da criatividade e a compreensão das artes no contexto", numa base de reflexão sobre a natureza, as etapas e os limites do conhecimento com que a educação artística trabalha (Currículo Nacional, Ministério da Educação, 2001, p. 152). Esta perspetiva prende-se com a necessidade de compreensão dos processos e das ações subjacentes à criação e fruição nas artes visuais, de forma a promover uma cultura visual dos alunos. Munari (2011, p.12) referia que a arte de "projetar é fácil quando se sabe o que se fazer. Tudo se torna fácil quando se conhece o modo de proceder para alcançar a solução de algum problema" sendo que "o método projetual não muda muito, apenas mudam as áreas: em vez de se resolver o problema sozinho, é necessário no caso de um grande projeto ... adaptar o método à nova situação". Refere ainda que a "criatividade não significa improvisação sem método: dessa maneira apenas se faz confusão e se cria nos jovens a ilusão de se sentirem artistas livres e independentes. A série de operações do método projetual é feita de valores objetivos que se tornam instrumentos de trabalho nas mãos do projetista criativo" (Munari, 2011, p. 21).

De acordo com o Currículo Nacional (Ministério da Educação, 2001, p. 152) a educação da literacia em artes, assume relevo pelo que, está inscrita nas "competências consideradas comuns a todas as disciplinas artísticas ... sintetizadas em quatro eixos interdependentes: (1) Apropriação das linguagens das artes; (2) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação; (3) Desenvolvimento da criatividade; (4) Compreensão das artes no contexto"

2. Objetivos Do Projeto De Intervenção

Pretendeu-se avaliar a influência da Metodologia de Projeto no Comportamento e nos Métodos de Trabalho dos alunos. Neste sentido colocou-se a seguinte questão de investigação: De que forma, a Metodologia de Projeto na disciplina de Artes Plásticas do 3º

Ciclo do Ensino Básico, podem contribuir para o sucesso dos alunos e minimizar problemas de comportamento dentro da sala de aula?

Os objetivos específicos consistiram na formação de alunos motivados para as aprendizagens nas áreas visuais, no incentivo à pesquisa contínua, na promoção do sentido autocrítico dos seus resultados, bem como, a melhoria das relações na turma e na transferência das competências que iam adquirindo para novas situações, na perspetiva da resolução de problemas que lhes fossem surgindo (Castro & Ricardo, 2001).

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

A Prática Pedagógica Supervisionada realizou-se na Escola Secundária José Gomes Ferreira, situada em Lisboa, numa turma do 7º ano de escolaridade, na disciplina de Artes Plásticas, no período compreendido entre 2 de novembro de 2011 e 6 de junho de 2012.

1. Caracterização da Amostra

1.1. A Escola

À data da consulta do P.E.E. (ver anexo I), a Escola Secundária de Benfica situa-se na Freguesia de Benfica na cidade de Lisboa, sendo que em 1980 converteu-se em Instituição Educativa. Em 1990 adotou o nome Escola Secundária José Gomes Ferreira em tributo ao escritor e poeta português. A escola tem, atualmente, 34 anos. Entre 1993 a 2008 (data do P.E.E. consultado) mais de metade (65%) do corpo docente e pessoal auxiliar permaneceram os mesmos, assim como, a equipa da direção permaneceu a mesma entre 1998 a 2008.

Atualmente, o estabelecimento pertence ao Agrupamento de Escolas de Benfica, composto por sete escolas (Jardim de Infância Nº 4 de Benfica, Jardim de Infância Nº1 de Benfica, Escola Básica do 1º Ciclo e Jardim de Infância Arquiteto Ribeiro Teles, Escola Básica do 1º Ciclo Jorge Barradas, Escola Básica do 1º Ciclo Álvaro Proença e Escola Básica do 2º e 3º ciclos Pedro Santarém). Tem como atividades de complemento curricular clubes de teatro, multimédia, jornal da escola e de Educação ambiental. Ainda integrada nesta oferta possui quatro modalidades desportivas no âmbito do desporto escolar.

Na Escola desenvolve-se uma rede de inter-relações regulada por finalidades integradoras das funções de ensinar e aprender e do desígnio de educar. Em torno destas, outros processos se desenvolvem, destinados a proporcionar o ambiente que melhor promova a execução das referidas funções. É nesta medida que a dimensão humana da escola constitui a vertente mais importante da sua realidade pelo que é composta pelo grupo dos professores, dos alunos, dos auxiliares de ação educativa e do pessoal administrativo.

1.2. A Turma

A turma era constituída por vinte e nove alunos (quinze rapazes e catorze raparigas) com idades compreendidas entre os onze e os treze anos. Três alunos eram repetentes com Plano de Acompanhamento. Apenas uma aluna não era portuguesa (natural de Maputo, Moçambique onde frequentou a Escola Portuguesa de Moçambique) e nesse ano letivo foi o primeiro em Portugal. Um dos alunos estava ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008 (aluno com

incapacidade) com diagnóstico de Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA).

No início do ano letivo os alunos apontaram como disciplinas preferidas Educação Física, Matemática, Inglês e Educação Visual, embora oito também apontassem a Matemática como a disciplina onde sentiam maiores dificuldades.

Com base na consulta do Projeto Curricular de Turma (ver anexo II) o aproveitamento da turma é caracterizado como percurso de sucesso, integrando alunos interessados e empenhados na sua vida académica. Na dimensão do Comportamento os alunos são descritos como empenhados, curiosos, entusiasmados, muito participativos. Demonstram alguma dificuldade em participar de forma organizada revelando impulsividade nas intervenções. Mais especificamente alguns alunos tentaram monopolizar a participação, intervindo de forma desorganizada, prejudicando o desenrolar das atividades.

São referidas como potencialidades da turma os alunos serem muito entusiasmados, algo competitivos e com gosto pela aprendizagem.

Relativamente às expectativas do conselho de turma, os professores referem que a turma terá um aproveitamento muito satisfatório, e procurará tirar partido dos conteúdos lecionados.

1.3. A Disciplina e a Sala

A disciplina de Artes Plásticas, onde foi desenvolvido o projeto, está inserida no Departamento de Expressões, que organiza e coordena os trabalhos também nas disciplinas de Artes Visuais (600), de Educação Física (620) e de Educação Especial (EE).

A disciplina de Artes Plásticas, constitui-se uma *Oferta de Escola*, lecionada por um docente, com duração de noventa minutos de carácter semanal durante um período e meio.

A turma estava dividida em dois grupos, o primeiro grupo teve a disciplina de Artes Plásticas na primeira metade do ano letivo e o segundo grupo na segunda metade do ano letivo.

A sala tinha quinze mesas de trabalho de dois lugares destinadas ao uso diário do desenvolvimento das tarefas, e quinze estiradores individuais, de modo a serem usados em tarefas específicas, existindo ainda duas mesas de luz. Estava equipada com um Datashow embora não estivesse em funcionamento durante a implementação do projeto. Existia ainda uma sala de computadores que os alunos podiam utilizar para pesquisar no âmbito dos trabalhos.

No campo da arrumação, existiam três armários abertos para trabalhos executados pelos alunos, três armários fechados para os materiais dos alunos e dos professores. Existia ainda dentro da sala uma divisão que se encontrava normalmente fechada, usada para arrumar os trabalhos dos alunos.

2. Estruturação Do Projeto

O projeto decorreu entre 2 de novembro de 2011 e 6 de junho de 2012, desenrolou-se num total de 26 blocos de aulas de 90 minutos, na disciplina de Artes Plásticas. O projeto desenvolveu-se com uma turma dividida em dois grupos. O primeiro grupo iniciou as atividades a 2 de novembro de 2011 e terminou a 25 de janeiro de 2012, o segundo grupo iniciou a 1 de fevereiro e terminou a 6 de junho de 2012.

2.1. Processo Diagnóstico - Recolha De Informação

O processo de diagnóstico (entre 2 de novembro e 14 de dezembro de 2011) foi constituído por três fases: a primeira consistiu na recolha de toda a informação documental do P.C.T. (ver anexo II) e na realização das entrevistas aos professores (Diretora de Turma e Professora Cooperante da Disciplina); a segunda fase foi composta pelo desenvolvimento do projeto “Jogo do Galo”; e a terceira, pelo projeto “Bolas de Natal”. Tanto a segunda como a terceira fase, envolveram a observação participada da dinâmica da turma e da prática pedagógica planificada pela professora titular.

O processo de diagnóstico teve como objetivo detetar as necessidades; estabelecer prioridades, fundamentar o projeto; delimitar o problema; rever bibliografia e prever recursos.

O diagnóstico termina com um momento final de avaliação da professora da disciplina e com a planificação das atividades a desenvolver no projeto, ligando-se ao processo seguinte de intervenção (a aplicação e execução dos objetivos gerais e específicos do projeto).

A planificação das U.T. foi realizada pela professora da Turma (ver Quadro 1).

UNIDADE DE TRABALHO	ATIVIDADE
1	Desenho abstrato
2	Jogo do Galo
3	Bolas de Natal
4	Gravura – Relevo

Quadro 1. Unidades de trabalho da fase de diagnóstico

A primeira atividade teve como objetivo, além dos estipulados para a disciplina, apresentar o estagiário. Em ambas as atividades o estagiário colaborou com a professora da disciplina, mediante a planificação delineada pela mesma, tendo sido elaboradas posteriormente pelo estagiário, planificações a curto prazo das mesmas (ver anexo III).

2.1.1. Jogo do Galo

Esta atividade teve a duração de três blocos de 90 minutos, envolvendo a modelação e pintura das peças constituintes do projeto; e um bloco de 45 minutos para a elaboração do tabuleiro de jogo. Foram desenvolvidas quatro etapas: (1) estudo dos dois objetos que representariam as peças do jogo; (2) modelação das dez peças (cinco para cada jogador); (3) pintura de todas as peças elaboradas; e (4) elaboração do tabuleiro (ver figura 1 e 2).

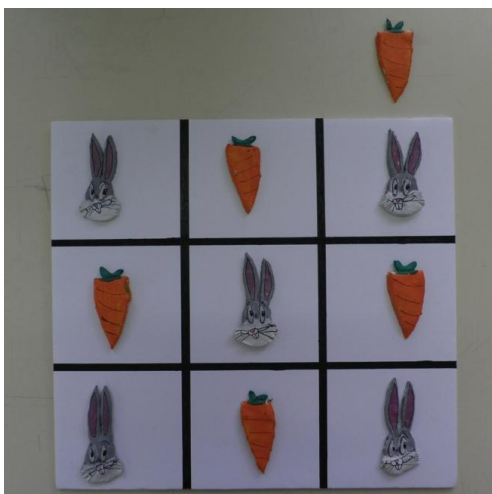


Figura 1. Jogo do Galo da aluna Nº 24

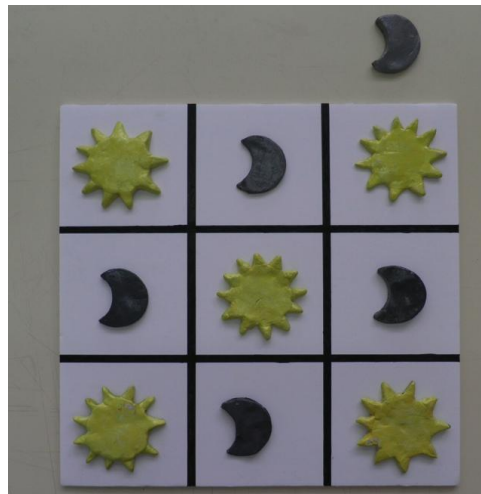


Figura 2. Jogo do Galo do aluno Nº 22

2.1.2. Bolas de Natal

Como segunda proposta de atividade seguiu-se a construção de bolas de natal através de tiras em cartolina trabalhada pelos alunos, que teve como objetivo decorar o espaço escolar para a comemoração da época natalícia. Este trabalho foi elaborado coletivamente pelas turmas do 7º ano do 3º Ciclo, com a duração de três blocos de 90 minutos. Foram desenvolvidas quatro etapas: (1) estudo dos elementos a utilizar no tratamento gráfico das tiras de cartolina; (2) medição, traço e corte das mesmas; (3) tratamento gráfico; (4) montagem das tiras/ "bolas de natal"; (5) decoração do espaço escolar (ver figura 3 e 4).



Figura 4. Decoração do espaço escolar



Figura 3 Tiras de cartolina

2.2. Avaliação Diagnóstica Dos Alunos

Os alunos foram avaliados pela professora da disciplina em duas componentes, Competências/Aprendizagens e Atitudes/Valores, em cinco níveis, 1 e 2 (correspondente a níveis insatisfatórios de Competências/Aprendizagens e de Atitudes/Valores), nível 3, 4 e nível 5 (ver anexo VI - Grelha de avaliação final).

2.3. Operacionalização Da Problemática

Partindo da recolha de dados do processo de diagnóstico, foi possível verificar que, de um modo geral a turma revela-se bastante trabalhadora, interessada e empenhada nas diferentes áreas disciplinares porém, nem sempre apresenta o comportamento mais adequado no desenvolvimento e participação das tarefas escolares, sendo por vezes desorganizados, impulsivos nas suas intervenções prejudicando o desenvolvimento das atividades, bem como, a falta de motivação pelas atividades escolares por parte de alguns alunos da turma.

Na disciplina de Artes Plásticas, para além dos pontos anteriormente referidos, foram ainda identificados a escassez de competências relacionais e sociais (ex. monopolização da participação no decorrer da aula e a falta de tolerância no que respeita à opinião dos seus pares), execução desorganizada dos trabalhos e falta de rigor. Por outro lado, foi referido o constante interesse pela aprendizagem de novas matérias.

Foi também objeto de estudo o plano de ação do Conselho de Turma, bem como as estratégias por ele delineadas. Nestas duas fontes de informação estão definidas prioridades para a turma nas várias competências (ver anexo II) e a forma de conseguir alcançá-las, nomeadamente:

- Promover a participação organizada, dando a palavra apenas a quem segue as regras estabelecidas;
- Privilegiar o uso da caderneta como forma de contacto com os encarregados de educação;
- Recorrer à ficha de registo diário das atitudes da turma (colocada no livro de ponto da turma pela diretora de turma) para de forma célere informar a diretora de turma de situações recorrentes para posterior tratamento na hora de atendimento aos alunos ou junto dos encarregados de educação.

Apresenta-se de forma sucinta no quadro 2 as principais problemáticas identificadas referentes à amostra e as respetivas fontes de informação:

Problemática	Fonte de informação
Trabalho desorganizado	Observação direta, reunião com a professora
Incumprimento das regras da sala	PCT, reunião com a professora
Participação de forma desorganizada	PCT, reunião com a professora, observação direta
Falta de rigor nas tarefas	Observação direta

Quadro 2. Problemáticas e fontes de informação

Desta recolha emergiu a necessidade de implementação de uma metodologia que trabalhasse as competências de aprendizagem na disciplina de Artes Plásticas em articulação com as competências pessoais e sociais dos alunos.

A partir da identificação da problemática da turma, em que foi identificada a escassez de competências relacionais e sociais e a falta de motivação pelas atividades escolares por parte de alguns alunos da turma, foi implementado como estratégia de ensino aprendizagem a Metodologia de Projeto de forma a alterar hábitos comportamentais e motivacionais.

3. Processo de intervenção

A intervenção teve início com o primeiro grupo de 4 a 25 de janeiro de 2012, no oitavo bloco de 90 minutos, e com o segundo grupo de 1 de fevereiro a 6 de junho de 2012 no primeiro bloco de aulas até ao final do ano letivo. A intervenção consistiu na integração dos objetivos do Conselho de Turma para a disciplina de Artes Plásticas e foram utilizadas várias técnicas e materiais, tendo por base o processo de pesquisa por parte dos alunos sobre as matérias. Desta forma, pretendeu-se promover o sentimento de pertença e desenvolver nos alunos, o gosto pelos trabalhos a realizar.

Foram desenvolvidas cinco fases: (1) planificação das unidades de trabalho, (2) o trabalho individual – *Gravura*; (3) o trabalho coletivo – *Recriar a obra de arte do artista plástico Hundertwasser*; (4) *Exposição final* e por fim (5) a avaliação dos alunos. Todas as fases foram planificadas e orientadas pelo estagiário com colaboração da professora da disciplina (ver anexo VII e VIII).

Em todas as fases teve-se como preocupação criar um ambiente promotor da aprendizagem num processo de construção do conhecimento ativo, através da exploração e reflexão. O processo de construção foi sequencial, permitindo a integração e compreensão das novas aprendizagens. Consubstanciando-se no método centrado no aluno, o processo de construção desenvolveu-se em dois planos: (a) a articulação e simbiose das competências previstas e, (b) o produto final, de modo a que os alunos visualizassem a sua meta pretendida.

A organização e desenvolvimento das atividades tiveram em conta o estabelecimento de objetivos e o contexto da tarefa; fornecer informação aos alunos através da apresentação oral ou de um texto; organizar os alunos em equipas de aprendizagem; proporcionar tempos e assistência ao trabalho; avaliar os resultados; e reconhecer tanto a realização individual como a de grupo. Mais adiante descrevem-se pormenorizadamente as atividades desenvolvidas.

Na última fase, realizou-se a avaliação dos alunos, compartimentada em três momentos avaliativos, dando indicadores da evolução na componente de métodos de trabalho e na componente de comportamento.

3.1. Planificação das Unidades de Trabalho

A planificação das U.T (fase 1) foi realizada de forma a respeitar o PCT e os interesses dos alunos (ver anexo VII e VIII). Este estudo culminou na definição de atividades que envolviam a construção de materiais didáticos. A escolha destas atividades teve como base a valorização dos métodos de participação ativa, criando hábitos e ritmos de trabalho adequados, bem como, o cumprimento de regras e a melhoria da relação dos alunos com o professor e com os pares. Teve-se ainda em conta o sentido estético, no qual se pretendeu criar uma relação dinâmica entre o aluno e a obra de arte, a partir da sua conceção e construção, levando-o a conceber a sua própria obra de arte, numa apropriação das linguagens elementares das artes. Foi também tida em conta a visão cultural e interpessoal nesta escolha, isto é, proporcionar vivências individuais e significativas dos alunos, bem como, a socialização e educação para uma cidadania participativa e crítica, onde se inscreve o respeito pela diferença, quer seja de ritmos de aprendizagem, quer de valores culturais dos elementos que compõem a turma.

Foi nesta fase que se procedeu à elaboração de materiais didáticos de apoio à exposição oral sobre o trabalho a desenvolver (ex. fichas de trabalho, textos, guias de estudo, diapositivos de PowerPoint).

Unidade de Trabalho	Atividade
1	Gravura em Relevo - Desenho Livre
2	Gravura em Relevo - Desenho Geométrico
3	Gravura em Oco - Desenho Livre
4	Pesquisa de um Artista Plástico (Escolha do aluno)
	Gravura em Oco - Recriar a obra do Artista Plástico
5	Pesquisa sobre o Artista Plástico Hundertwasser
	Quadro Coletivo - Recriar a obra do Artista Plástico Hundertwasser

Quadro 3. Unidades de trabalho da fase de intervenção

3.2. Gravura

Esta atividade enquadra-se na segunda fase da intervenção e teve a duração de 16 blocos de 90 minutos, 11 para a gravura em relevo e 5 para a gravura em oco.

A opção pelo desenvolvimento de U.T. com técnicas de *Gravura* ancorou no objetivo da sua concretização no produto final (a gravura), mas tendo como base todo o processo que a envolve. A atividade da *Gravura* foi planificada desde o estudo da imagem, passando pela idealização da impressão, elaboração da matriz, concretizando-se na gravura final impressa.

A atividade foi realizada em duas vertentes, a *Gravura em relevo* e a *Gravura em oco*, sendo que a primeira subdividiu-se na categoria de desenho livre (tema A) e desenho geométrico (tema B), a segunda subdividiu-se na categoria de desenho livre (tema A) e recriação de uma obra de um artista plástico (tema B). As atividades foram dadas por esta ordem devido ao modo como os conteúdos e técnicas da *Gravura* vão sendo adquiridos, partindo de técnicas mais simples até ao desenvolvimento de técnicas mais complexas de execução e impressão.

3.2.1. Gravura em Relevo - Tema A: Desenho Livre

Esta atividade envolveu técnicas e processos de execução e impressão mais fáceis e acessíveis, na medida em que foi o primeiro contato dos alunos com este meio de expressão artística.

Foi pedido um trabalho de pesquisa sobre as técnicas e processos envolvidos, bem como, de algumas obras de arte em gravura para que desta forma, os alunos identificassem “sinais e símbolos particulares, distintos em cada arte” (conforme estipulado no currículo nacional do ensino básico).

Foram entregues a todos os elementos da turma fichas informativas sobre a *Gravura* exemplificando técnicas e processos de realização, e expostos exemplos de matrizes e gravuras.

Esta atividade foi desenvolvida em seis etapas: (1) Pesquisa sobre as Técnicas e Processos de execução de gravuras e de exemplos de gravuras elaboradas por diferentes artistas; (2) Estudo de tema livre de um desenho para a primeira matriz; (3) Passagem do desenho final para o suporte rígido, placas de XPS; (4) Execução da matriz; (5) contacto com especialistas da área através da visita às E.S.E Lisboa; (6) Impressão das matrizes na E.S.E. de Lisboa (ver figura 5).



Figura 5. Exemplo de Gravuras em relevo de tema livre

3.2.2. Gravura em Relevo - Tema B: Desenho geométrico

Foi realizada uma segunda matriz, incorporando conteúdos de desenho geométrico, tendo como objetivo a utilização de ferramentas específicas, tais como, a régua, esquadro e o compasso, elevando assim faseadamente o grau de dificuldade. Esta atividade foi desenvolvida em quatro etapas: (1) Estudos de desenhos geométricos; (2) Passagem do desenho final para o suporte rígido, placas de XPS; (3) Execução da matriz; (4) Impressão das matrizes na E.S.E Lisboa (ver figura 6)



Figura 6. Exemplo de Gravuras em Relevo-desenho geométrico

3.2.3. A Gravura em Oco - Tema A: Desenho Livre

Esta atividade envolveu técnicas e processos de execução e impressão mais complexos, na medida em que deu continuidade à fase anterior, tendo os alunos adquirido os conceitos, procedimentos e técnicas básicas para a execução de uma gravura em relevo, procedeu-se ao início da Gravura em Oco. Nas técnicas de impressão das gravuras em oco, foram utilizados dois tipos de impressão das mesmas, numa primeira fase a impressão foi executada com os procedimentos da gravura em relevo, tendo assim a referência dos trabalhos anteriores, numa segunda fase foram utilizadas as novas técnicas da gravura em oco.

Foi pedido que elaborassem um desenho à sua escolha com a aplicação de sombras, envolvendo os conceitos de claro e escuro. Esta atividade foi desenvolvida em quatro etapas: (1) Estudos/ desenhos para a primeira matriz; (2) Passagem do desenho final para o suporte rígido (acetato); (3) Execução da matriz em acetato; (4) impressão da gravura (ver figura 7 e 8)



Figura 7. Exemplo de Gravuras em Oco de tema livre (tipo de impressão 1)



Figura 8. Exemplo de Gravuras em Oco de tema livre (tipo de impressão 2)

3.2.4. A Gravura em Oco - Tema B: Recriar a obra de arte

Nesta atividade foi pedido aos alunos que pesquisassem (e recolhessem alguns exemplos de obras) sobre um artista plástico à sua escolha e com o qual se identificassem, com o intuito de recriarem a linguagem e expressão artística do autor pesquisado. Foram desenvolvidas cinco etapas: (1) Pesquisa sobre artistas e alguns exemplos das suas obras; (2) Estudos/ desenhos para a segunda matriz; (3) Passagem do desenho final para o suporte rígido (acetato); (4) Execução da matriz; (5) Impressão da matriz (ver figura 9 e 10).

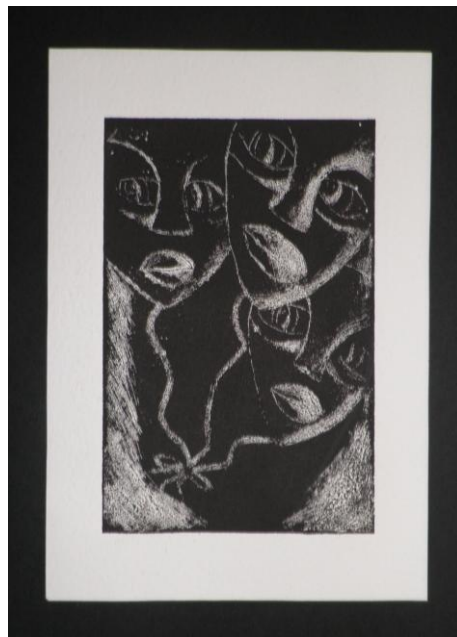
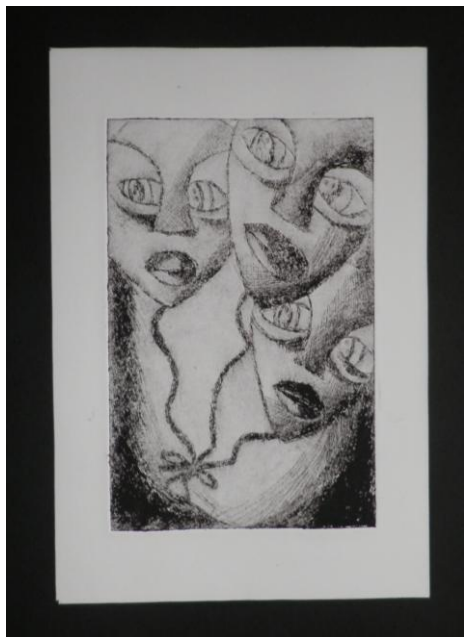


Figura 9. Exemplo de Gravuras em Oco recriando a obra de um artista plástico (Malangatana)

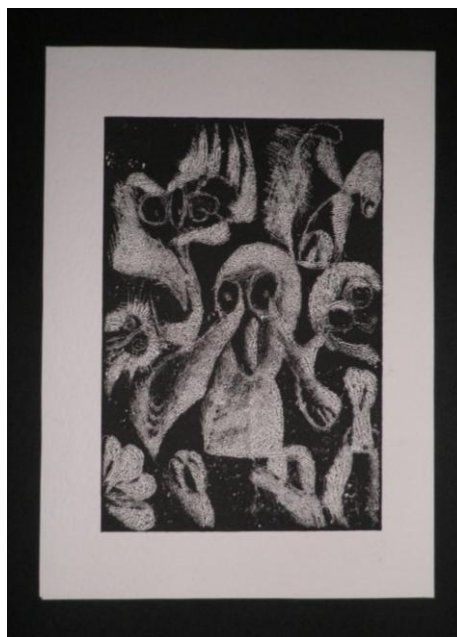


Figura 10. Exemplo de Gravuras em Oco recriando a obra de um artista plástico (Salvador Dali)

3.3. Quadro Coletivo de Turma

Esta atividade enquadra-se na terceira fase da intervenção e teve a duração de três blocos de 90 minutos.

Esta atividade desenvolveu-se em cinco etapas, a primeira envolveu a leitura e análise das obras de arte escolhida pelo estagiário (obras do artista plástico Hundertwasser); a segunda consistiu na passagem dos elementos principais do desenho para o papel vegetal; a terceira consistiu na passagem do papel vegetal para a folha de desenho; na quarta realizou-se o tratamento gráfico com lápis de cor (cores frias e quentes); e por último a quinta etapa caracterizada pela construção da estrutura de madeira.

Na etapa 1 foi necessário criar e fornecer aos alunos vários recursos (diapositivos, fichas informativas e guiões de análise de uma obra pictórica) de forma a facilitar o trabalho que envolveu a análise da obra numa perspetiva compreensiva, dando o espaço necessário para a contemplar, para que posteriormente a pudessem compreender e apreciar (Porfírio & Ramos, 2012), proporcionando ao aluno a aquisição de um código simples, para que adquirisse um conjunto de competências no domínio técnico da expressão e representação plástica. Assim, promoveu-se a criatividade, adaptando os alunos ao meio que os rodeia, fornecendo as ferramentas necessárias para a resolução de problemas, quer no âmbito do seu quotidiano, quer no âmbito intelectual, originando ruturas no nível conceptual nos domínios do conhecimento, fomentando assim a criação de valor e inovação no seu processo.

A partir da pesquisa que os alunos efetuaram, selecionaram a obra de arte, e procedeu-se à sua leitura compreensiva com o auxílio do Guião. Foi descrito aos alunos o modo espontâneo de ver a obra de arte, caracterizada pela primeira reação ao contemplar a obra, bem como foi descrito o modo sistemático no qual se analisa os elementos da obra em detalhe (Porfírio & Ramos, 2012).

A análise da obra comportou também o desenvolvimento do sentido estético dos alunos e a compreensão da intenção do artista na sua obra, apelando à expressão da sua criatividade através da cor, composição, textura, materiais, etc. Após esta análise, procedeu-se à exposição dos diapositivos acerca da Luz e da Cor.

Seguidamente, foi pedido aos alunos que executassem dois quadros coletivos, um com a aplicação das cores quentes e o outro com cores frias. Os alunos receberam uma ficha informativa sobre o artista plástico Hundertwasser e exemplos de algumas das suas obras de pintura e de arquitetura.

Na etapa 2 e 3, a tarefa consistiu em dividir os dois quadros escolhidos em oito partes iguais, correspondente a cada aluno, num total de dezasseis partes. Os alunos teriam de recriar a obra tendo como base o quadro original. Assim foram projetadas as imagens

dos quadros que se pretendiam recriar bem como os alunos passaram os traços/elementos principais da sua parte da obra.

Na etapa 4, os alunos trabalharam livremente as cores, um grupo debruçando-se sobre as cores quentes (ver figuras 11) e outro as cores frias (ver figuras 12).



Figura 11. Exemplos de Recriação da obra de arte do artista plástico Hundertwasser - cores quentes



Figura 12. Exemplos de Recriação a obra de arte do artista plástico Hundertwasser - cores frias

Na etapa 5, estava proposto a construção da estrutura de madeira, indo ao encontro do conceito de interdisciplinaridade com a Educação Tecnológica, contudo o docente da disciplina verificou não ser possível a sua concretização devido aos diferentes timings entre disciplinas, existindo outros trabalhos em curso até ao final do ano letivo. Assim, esta estrutura foi realizada pelo estagiário concretizando o enquadramento dos trabalhos dos alunos, tendo como objetivo a sua exposição coletiva (ver figura 13 e 14)

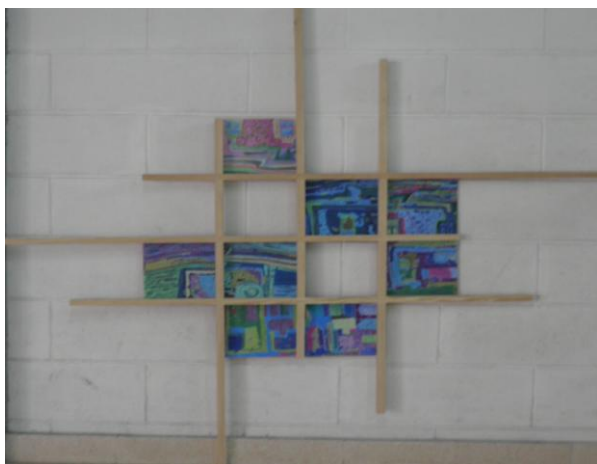


Figura 13. Quadro coletivo - cores frias



Figura 14. Quadro coletivo - cores quentes

3.4. A Exposição

Esta atividade enquadra-se na quarta fase da intervenção. A exposição coletiva (ver figura 15, 16 e 17) teve como fundamento que, para “levar a cabo um projeto comum é necessário que as pessoas dialoguem e se compreendam” (Castro & Ricardo, 2001,p.18). Nesse pressuposto foi necessário planificar e organizar a exposição tendo em conta os diferentes contextos (Afetivo, Cognitivo, Social e Físico, segundo Castro & Ricardo, 2001).

O processo da exposição coletiva envolveu todos os alunos na conceção, realização e avaliação de um projeto com um fim comum de partilha dos seus trabalhos com a restante comunidade educativa.



Figura 15. Exposição das gravuras e Matrizes em Relevo



Figura 17. Exposição das gravuras em Oco



Figura 16. Exposição dos quadros coletivos

3.5. Avaliação dos alunos

A avaliação dos alunos enquadra-se na última fase da intervenção, tendo ocorrido ao longo das U.T., culminando na atribuição de um nível no final do ano letivo. Foi elaborada uma matriz na qual os alunos eram avaliados em duas componentes: *Comportamento* e *Métodos de Trabalho* com o respetivo fator de ponderação na avaliação global do aluno, 30% e 70%. Todos os fatores de ponderação aplicados nas componentes e dimensões que se apresentam seguidamente têm como critério a importância que ocupam dentro das mesmas, baseando-se também nas necessidades de intervenção recolhidas na fase de diagnóstico:

$$\text{COMPORTAMENTO (*30\%)} + \text{MÉTODOS DE TRABALHO (*70\%)} = 100\%$$

O somatório destas duas componentes foi convertido em níveis, correspondendo à percentagem das metas atingidas:

Nível	Percentagem (%)
1	0 - 19
2	20 - 49
3	50 - 74
4	75 - 89
5	90 - 100

Quadro 4. Correspondência entre níveis e percentagem das metas

Relativamente à primeira componente - *Comportamento* - a avaliação desenrolou-se com base numa grelha de observação diária (ver anexo X), onde se registaram os comportamentos que se pretendiam avaliar, contabilizando-os em cada U.T. O *Comportamento* foi avaliado pelo somatório das seguintes dimensões: *Comportamento durante a distribuição do material*; *Comportamento no Decorrer da U.T.*; *Intervenção em sala de aula*; e *Respeito pelos colegas dentro da sala*, posteriormente multiplicada pelo seu fator de ponderação:

$$\text{COMPORTAMENTO DURANTE A DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL (*15\%)} + \text{COMPORTAMENTO NO DECORRER DA UT (*35\%)} + \text{INTERVENÇÃO EM SALA DE AULA (*25\%)} + \text{RESPEITO PELOS COLEGAS DENTRO DA SALA (*25\%)} = 100\% \text{ COMPORTAMENTO}$$

Por sua vez, a avaliação de cada dimensão era baseada numa cotação dicotômica (cumpriu Vs. não cumpriu) dos critérios definidos no Quadro 5, convertida em percentagem posteriormente multiplicada pelo fator de ponderação correspondente à dimensão.

COMPORTAMENTO DURANTE A DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL (*15%) = FREQUÊNCIA MÁXIMA DE COMPORTAMENTOS CUMPRIDOS----- 100% FREQUÊNCIA DE COMPORTAMENTO CUMPRIDOS OBSERVADOS-----X
--

Comportamento	
1. Comportamento durante a distribuição do material (15%)	a) Sentado no seu lugar de trabalho
	b) Atento à instrução da tarefa (consegue captar a instrução completa por forma a compreender o que lhe é pedido)
	c) Não conversa com os colegas durante a distribuição do material
	d) Consegue esperar que lhe seja entregue o material
2. Comportamento no Decorrer da UT (35%)	a) Consegue estar sentado no seu lugar de trabalho
	b) Partilha dúvidas com os colegas (comportamento pro social)
	c) Ajuda os colegas nas suas dúvidas (comportamento pro social)
	d) Resistência à frustração quando confrontado com as dificuldades na execução (lidar com os desafios - não chora, não desiste)
3. Intervenção em sala de aula (25%)	a) Coloca as dúvidas depois da explicação do professor
	b) Pede permissão para colocar a dúvida
	c) Espera pela sua vez para colocar a dúvida
	d) As dúvidas colocadas vão no sentido à temática exposta pelo professor
4. Respeito pelos colegas dentro da sala (25%)	a) Ouve as opiniões/trabalho dos pares
	b) Aceita a opinião/trabalho dos pares mesmo que seja diferente da sua
	c) Não critica negativamente as opiniões/trabalho dos colegas (critica construtivamente)
	d) Consegue dar sugestões, acrescentando mais-valias ao trabalho e completando as opiniões dos colegas (comportamento pro social)

Quadro 5. Critérios de avaliação do comportamento

Relativamente à segunda componente - *Métodos de trabalho* - a avaliação desenrolou-se com base numa grelha de observação diária onde se registaram os Métodos de trabalho que se pretendiam avaliar (ver anexo X). Esta componente foi composta por várias competências a avaliar: *Revela sentido de organização; Mostra autonomia no trabalho; Utiliza e manipula adequadamente os materiais; Aplicação correta dos conhecimentos; Criatividade e expressão no trabalho.*

Cada competência tinha respetivamente o seu fator de ponderação na componente total *Métodos de trabalho*:

REVELA SENTIDO DE ORGANIZAÇÃO (*10%) + MOSTRA AUTONOMIA NO TRABALHO (*10%) + UTILIZA E MANIPULA ADEQUADAMENTE OS MATERIAIS (*20%) + APLICAÇÃO CORRETA DOS CONHECIMENTOS (*40%) + CRIATIVIDADE E EXPRESSÃO NO TRABALHO (*20) = 100% MÉTODOS DE TRABALHO.

Por sua vez, como na componente anterior, a avaliação de cada dimensão era baseada numa cotação dicotómica (cumpriu Vs. não cumpriu) dos critérios definidos no Quadro 6, convertida em percentagem posteriormente multiplicada pelo fator de ponderação correspondente à dimensão.

Métodos de Trabalho	
1. Organização (10%)	a) Limita-se ao seu espaço de trabalho
	b) Seleciona corretamente os materiais consoante a tarefa
	c) Arruma os materiais após a sua utilização
	d) Limpa o seu espaço de trabalho
2. Autonomia no trabalho em sala de aula (10%)	a) Executa uma sequência completa de procedimentos integrantes da tarefa sem ajuda
	b) Consegue resolver problemas durante a execução da tarefa sem ajuda
	c) Aquando o término da tarefa pedida pelo professor, seleciona outra por iniciativa própria
	d) Dentro das regras de sala de aula, movimenta-se livremente consoante a necessidade inerente á execução da tarefa.
3. Utilização e manipulação dos materiais (20%)	a) Limita-se ao seu espaço de trabalho
	b) Seleciona corretamente os materiais consoante a tarefa
	c) Arruma os materiais após a sua utilização
	d) Limpa o seu espaço de trabalho
4. Aplicação correta dos conhecimentos (40%)	a) Pesquisa em casa
	b) É persistente e participa com interesse nas atividades
	c) Revela sentido de responsabilidade
	d) Revela capacidade de apresentar soluções adequadas para os problemas
5. Criatividade e expressão no trabalho (20%)	a) O trabalho final é diferenciado dos colegas
	b) Combina de forma única as técnicas e os materiais
	c) Acrescenta algo ao trabalho exemplificado pelo professor
	d) Fluência de ideias (várias hipóteses para o mesmo trabalho)

Quadro 6. Critérios de avaliação dos Métodos de trabalho

CAPÍTULO III - ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste capítulo descrevem-se os resultados obtidos no projeto: fase de diagnóstico e fase de intervenção.

Salienta-se que na fase de diagnóstico as dimensões apresentadas possuem nomenclaturas diferentes das da fase de intervenção pois, as primeiras foram critérios estabelecidos pela professora da disciplina. Assim as dimensões são Competências/Aprendizagens e Atitudes/Valores, correspondente à fase de diagnóstico e na fase de intervenção, são denominadas por Métodos de Trabalho (M.T.) e Comportamento (CPT).

Fase de diagnóstico:

Na fase de diagnóstico os alunos foram avaliados pela professora da disciplina em duas dimensões: Competências/Aprendizagens e Atitudes/Valores. Esta última é composta por duas componentes: Comportamento e Empenhamento, tendo sido atribuída, pela professora, uma nota geral correspondendo às quatro U.T., não especificando este critério a cada uma delas.

A U.T. 1 diz respeito ao plano de aula desenho dirigido; a U.T. 2 corresponde ao projeto Jogo do Galo; a U.T. 3 corresponde ao projeto Bolas de Natal; a U.T. 4 envolveu a implementação da Gravura em Relevo (dirigida pelo estagiário).

No Quadro 7 observam-se as avaliações dos alunos do grupo 1 e os seus níveis finais:

Nº	Competências/ Aprendizagens (UT)				Atitudes/Valores		Nível
	1	2	3	4	Comportamento	Empenhamento	
16	SB	SB	SB	SMB	S	SB	4
17	S	S	S	SB	SP	S	3
18	SB	SB	SB	SMB	SB	SMB	4
19	S	SB	SMB	SMB	SB	SB	4
20	SB	SB	SB	SB	SB	SB	4
21	S	S	SB	SB	SB	S	3
22	SMB	SMB	SB	SMB	S	S	4
23	S	SB	SB	SB	SB	SB	4
24	SB	SB	SB	SMB	SMB	SMB	5
25	SMB	SMB	SB	SMB	SB	SMB	5
26							
27	S	SB	SB	SB	SB	SB	4
28	SB	SB	SMB	SMB	SB	SMB	5
29	S	S	SB	SMB	SMB	SB	5

Quadro 7. Notas finais dos alunos do grupo da fase de diagnóstico

Da análise do Quadro 7 pode apurar-se que dos treze alunos, nenhum obteve nível 1 e 2 (correspondente a níveis insatisfatórios), dois alunos obtiveram nível 3, sete alunos nível 4 e quatro alunos nível 5.

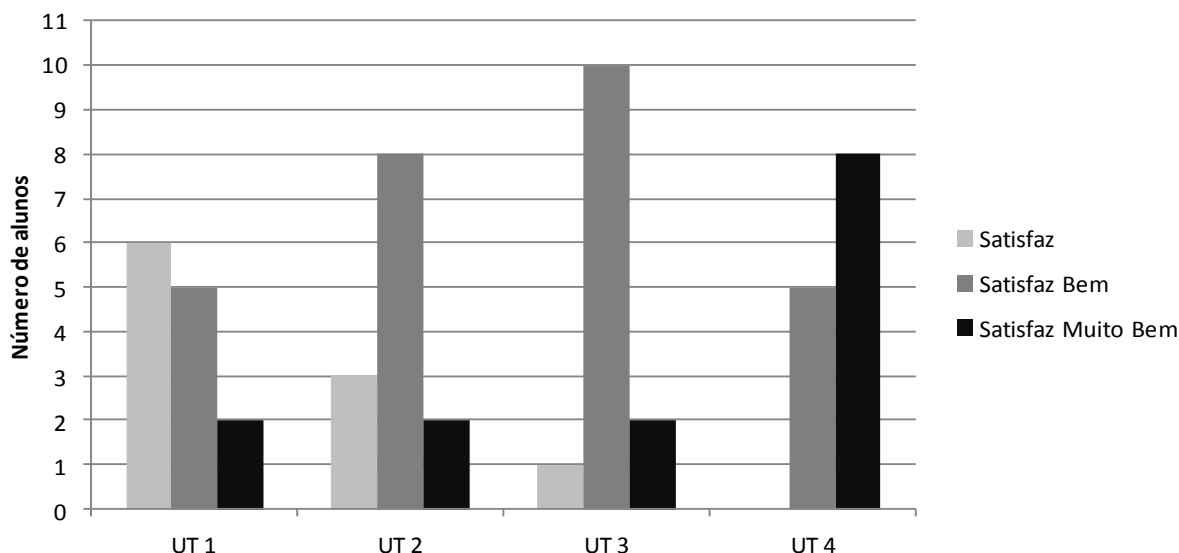


Gráfico 1. Avaliação da dimensão Competências/ Aprendizagens por U.T. na fase de diagnóstico

Relativamente à avaliação qualitativa da dimensão Competências/Aprendizagens (Gráfico1) pode observar-se que seis alunos tiveram em pelo menos uma U.T. a qualificação de *Satisfaz* e nenhum aluno obteve *Não satisfaz* ou *Satisfaz Pouco*.

Pode observar-se a última U.T. (desenvolvida pelo professor estagiário) os alunos obtiveram melhores resultados, ou seja, num universo de treze alunos, cinco alunos obtiveram *Satisfaz Bem* e oito alunos *Satisfaz Muito Bem*, demonstrando maior empenhamento na concretização da tarefa.

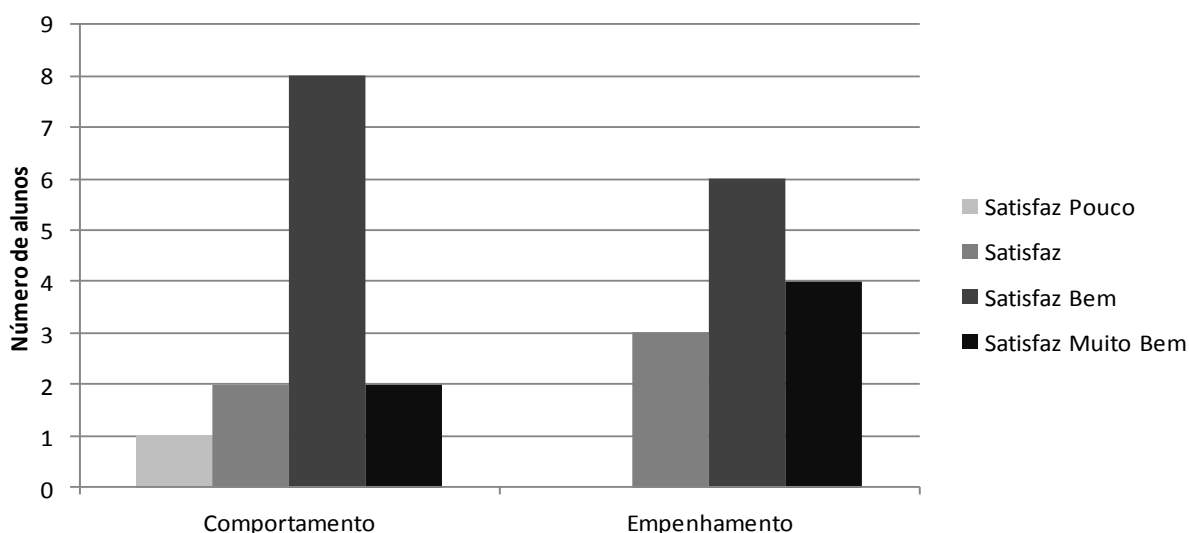


Gráfico 2. Avaliação das dimensões das Atitudes e Valores (comportamento e Empenhamento) da fase diagnóstico

Pode observar-se no gráfico 2 que, relativamente às dimensões nas Atitudes/Valores, na componente do Comportamento, num universo de treze alunos, apenas um obteve a classificação de *satisfaz Pouco*, dois alunos obtiveram avaliação de

Satisfaz, oito alunos a avaliação de *Satisfaz bem* e dois alunos a classificação máxima de *Satisfaz Muito Bem*.

Na componente do Empenhamento três alunos obtiveram a classificação de *Satisfaz*, seis alunos a avaliação de *Satisfaz Bem* e quatro alunos a classificação máxima de *Satisfaz Muito Bem*.

Apesar das classificações finais serem satisfatórias, da observação direta realizada durante o desenvolvimento das U.T. 2, 3 e 4 e com base na recolha de informação, conclui-se que os alunos apresentaram um comportamento desorganizado, tanto na execução dos trabalhos bem como na seleção e manipulação dos materiais.

Fase de intervenção:

Na fase de intervenção, os alunos foram avaliados pelo professor estagiário em duas dimensões: Métodos de Trabalho e Comportamento nas cinco U.T. que por sua vez se subdividiam nas categorias/componentes anteriormente descritas no Capítulo II (pp.22-23).

A U.T. 1 e 2 dizem respeito à execução da gravura em relevo, a U.T. 3 e 4 corresponde à gravura em oco e a U.T. 5 aos quadros coletivos através das cores quentes e frias.

No Quadro 8, observam-se as avaliações do grupo 2 nas duas dimensões (M.T. e C.P.T) no final de cada U.T., correspondendo à soma das ponderações das grelhas diárias anteriormente analisadas (ver anexo X - grelhas de avaliação final de U.T.), assim como aos níveis finais obtidos:

Nº	UT 1		UT 2		UT 3		UT 4		UT 5		Nível
	MT	CPT	MT	CPT	MT	CPT	MT	CPT	MT	CPT	
1	SMB	SB	SMB	SB	SMB	SMB	SB	SMB	SMB	SMB	5
2	SB	SB	SB	SB	SMB	SMB	SB	SMB	SB	SMB	4
3	S	S	S	S	SB	SB	SB	SB	S	SB	3
4	SMB	SB	SMB	SMB	SMB	SMB	SMB	SB	SB	SMB	5
5	SB	SB	SB	SB	SMB	SMB	SMB	SMB	SB	SMB	4
6	SB	S	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SB	SMB	4
7	SB	S	S	S	S	SB	SB	SB	SB	SB	3
8	SB	S	SB	S	SB	SB	SMB	SB	SMB	SB	4
9	S	S	SB	S	SB	S	SB	SB	S	S	3
10	SMB	SB	SMB	SMB	SB	SB	SMB	SMB	SB	SMB	5
11	S	S	SB	S	S	S	SB	S	SB	SB	3
12	SMB	SMB	SMB	SB	SMB	SMB	SMB	SMB	SMB	SMB	5
13	SB	SB	SB	S	SMB	SB	SMB	SB	SB	SB	4
14	SMB	SMB	SB	SMB	SMB	SMB	SMB	SMB	SB	SMB	5
15	SB	SB	SB	SB	SMB	SMB	SMB	SMB	SMB	SMB	5

Quadro 8. Notas finais das U.T. e níveis finais dos alunos da fase de intervenção

Da análise do Quadro 8 pode apurar-se que dos quinze alunos, nenhum obteve nível 1 e 2 (correspondente a níveis insatisfatórios), quatro alunos obtiveram nível 3, cinco nível 4 e seis alunos apresentaram nível 5.

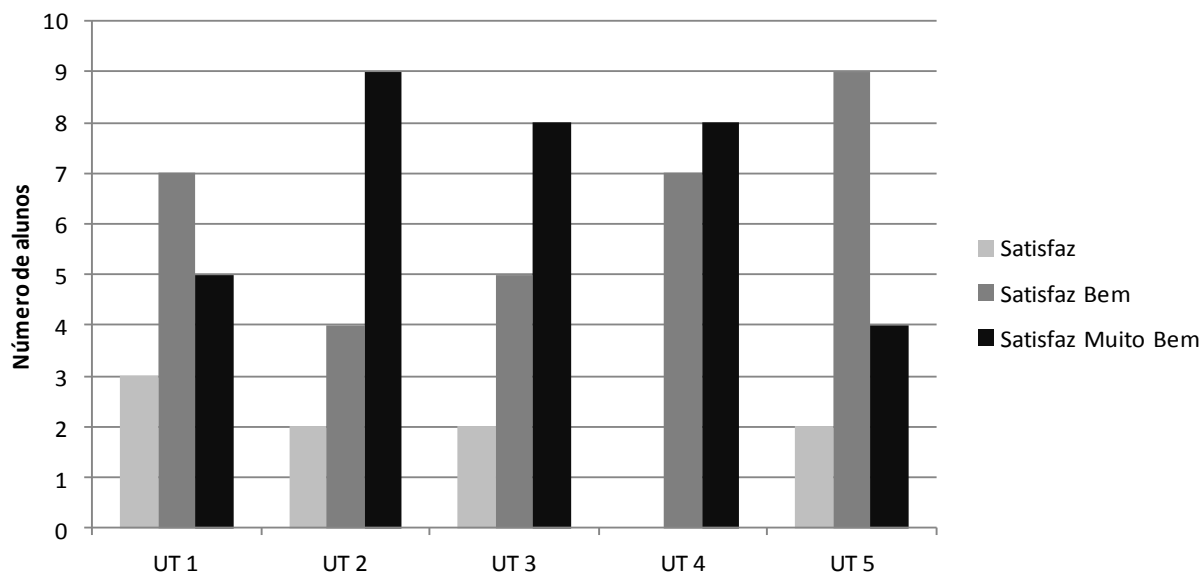


Gráfico 3. Avaliação das U.T. na dimensão dos Métodos de Trabalho na fase de intervenção

Relativamente à avaliação por dimensões, pode observar-se que nos Métodos de Trabalho (gráfico 3), quatro alunos obtiveram a avaliação de satisfaz em pelo menos uma das U.T., sendo que esta foi a classificação mais baixa nas Unidades de Trabalho.

A Unidades de Trabalho 2 e 4 foram as que obtiveram melhores resultados: (UT2 — nove alunos obtiveram *SMB*; quatro alunos obtiveram *SB*; dois alunos obtiveram *S*); (UT4 — oito alunos obtiveram *SMB*; sete alunos obtiveram *SB*; nenhum aluno com *Satisfaz*).

Podemos observar que na dimensão dos Métodos de Trabalho, os alunos melhoraram o seu desempenho ao longo das cinco Unidades de Trabalho. Especificamente nas U.T. 2 e 4, tratam-se das U.T. que são uma continuidade da anterior, pelo que são conceitos da metodologia de projeto, já do conhecimento dos alunos e cujo objetivo era superar a qualidade do trabalho anterior, notando-se uma melhoria tanto na autonomia como no empenhamento durante o seu desenvolvimento.

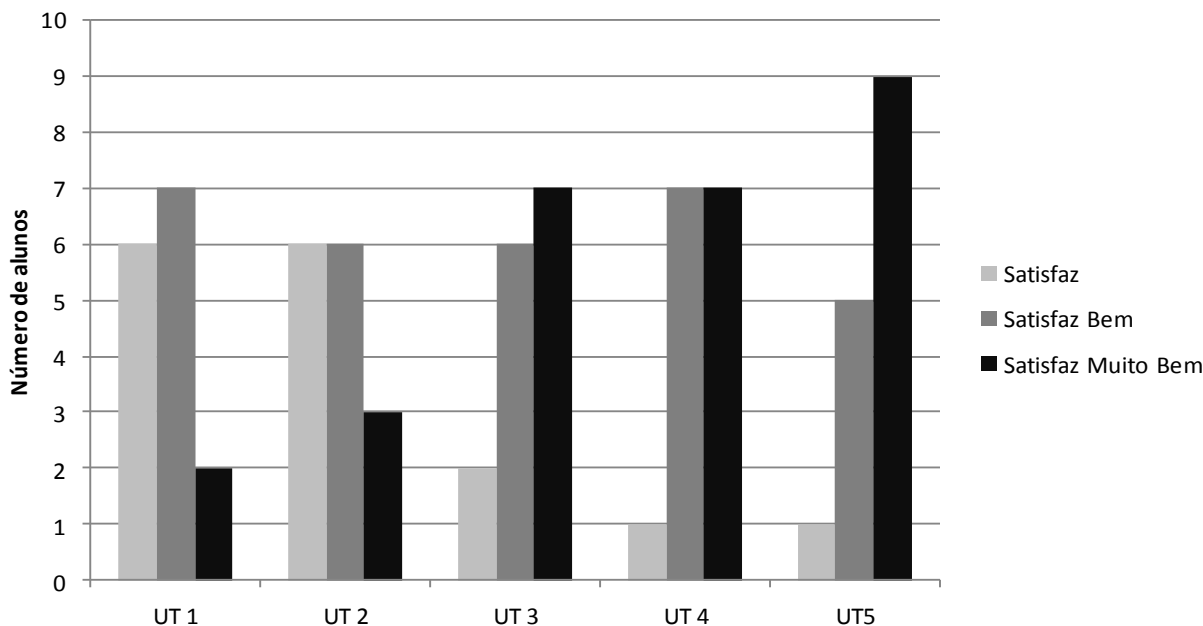


Gráfico 4. Avaliação das U.T. na dimensão do Comportamento na fase de intervenção

No gráfico 4, é analisada a dimensão do Comportamento. Pode observar-se que os alunos obtiveram avaliação igual ou superior a *Satisfaz*, refletindo uma melhoria gradual ao longo das cinco U.T. (classificação *Satisfaz Muito Bem* - U.T.1: dois alunos; U.T.2: três alunos; U.T.3: sete alunos; U.T.4: sete alunos; U.T.5: nove alunos), (classificação *Satisfaz Bem* - U.T.1: sete alunos; U.T.2: seis alunos; U.T.3: seis alunos; U.T.4: sete alunos; U.T.5: cinco alunos) e (classificação *Satisfaz* - U.T.1: seis alunos; U.T.2: seis alunos; U.T.3: dois alunos; U.T. 4: um aluno; U.T. 5: um aluno).

De salientar que os alunos foram melhorando o seu desempenho e comportamento ao longo do desenvolvimento do P.I., refletindo assim a metodologia de projeto adotada ser adequada, de modo a suprimir as principais problemáticas analisadas na turma.

CAPÍTULO IV - CONCLUSÃO

No presente capítulo discutem-se os resultados apresentados anteriormente, procurando responder à questão de investigação colocada. Numa primeira reflexão abordam-se os resultados relativos à fase de diagnóstico e, num segundo momento, os resultados relativos à fase de intervenção. Por fim, apresentam-se algumas limitações e sugestões ao presente trabalho.

A questão de investigação “De que forma, a Metodologia de Projeto na disciplina de Artes Plásticas do 3º Ciclo do Ensino Básico, podem contribuir para o sucesso dos alunos e minimizar problemas de comportamento dentro da sala de aula?” guiou todo o desenvolvimento do trabalho. Para responder a esta questão, foram desenvolvidas uma fase de investigação diagnóstica na qual se pretendeu descrever os resultados dos alunos no seu comportamento e nos seus métodos de trabalho e uma fase de intervenção.

Não constituiu objetivo da fase de diagnóstico a descrição da pedagogia utilizada pela professora da disciplina. No entanto, é importante referir alguns aspetos, na medida em que São por definição opostos aos utilizados na fase de intervenção, podendo justificar alguns dos resultados obtidos pelos alunos.

Igualmente por não ser objeto deste estudo a comparação entre metodologias, o estudo não se caracterizou por um formato de pré-teste e pós-teste, tendo em conta a economia de tempo e os prazos disponíveis. Não foi possível utilizar esta metodologia de investigação de pré e pós-teste, pela divisão da turma em dois grupos ao longo do ano letivo. Assim descreveu-se a metodologia utilizada, ao invés de uma comparação entre pedagogias.

Na fase de diagnóstico observou-se que os alunos apresentavam alguns sinais de desmotivação que poderiam ser operacionalizados pelo comportamento exibido em sala de aula e que coincidia com as queixas do Conselho de Turma. No entanto, os alunos não apresentavam resultados escolares negativos.

Para este aspeto, pode ter contribuído a opção tomada pela professora, de implementar trabalhos semelhantes aos dos anos anteriores. Este facto poderá justificar o aproveitamento dos alunos nos resultados finais e simultaneamente os sinais de desmotivação e falta de empenho na execução dos mesmos.

Ao iniciar a fase de intervenção, apesar de ser outro grupo, as necessidades foram recolhidas em função do primeiro grupo de trabalho e planificadas consoante as necessidades do mesmo. Após a análise da caracterização do perfil dos alunos e a reflexão das práticas letivas adequadas a este mesmo perfil, foi possível identificar a metodologia e estratégia a implementar na fase de intervenção. Optou-se por trabalhos apelativos e acessíveis/adequados ao nível etário mas que, simultaneamente potenciassessem a

criatividade, o pensamento crítico e a aprendizagem autónoma. Foram também estabelecidas atividades que desenvolvessem as capacidades de pesquisa e investigação.

Todo este processo foi autoavaliado no sentido de verificar se estas planificações eram adequadas aos alunos da turma, numa perspetiva de valorização dos diferentes saberes e culturas destes.

A prática docente assentou nos elementos estruturantes da avaliação de desempenho (prática profissional, na dimensão social e ética, no desenvolvimento do ensino aprendizagem, participação na escola, relação com a comunidade e desenvolvimento profissional ao longo da vida) tendo em vista uma maior eficácia na promoção do sucesso da aprendizagem dos alunos. Desta forma, a estratégia da diferenciação pedagógica foi central em toda a intervenção, na medida em que fomentou um processo de construção e formação global do aluno, a sua estruturação do pensamento e personalidade, de modo a responder às diferentes necessidades, estilos e ritmos de aprendizagem. Assim foi garantido o melhor nível de aprendizagem e de sucesso de cada um.

Desta avaliação individual da prática docente concluiu-se que no que se refere à relação pedagógica com o professor, que os alunos precisavam da sua ajuda, mas também de estímulo para proceder às escolhas. O estabelecimento de uma relação de confiança e de respeito foi um pilar central do projeto, estimulando-os a valorizar e a reconhecer as suas capacidades de aprendizagem e de execução. Como consequência desta relação pedagógica positiva, o clima de sala de aula caracterizou-se como favorável à aprendizagem, pela sua envolvente de bem-estar e afetividade. Salvaguarda-se que o estabelecimento desta relação pedagógica e de um clima de sala de aula positivo, não é sinónimo de ausência de autoridade.

Assim, a metodologia de projeto revelou-se uma ferramenta fundamental, principalmente no que concerne à promoção e desenvolvimento da motivação intrínseca dos alunos, que foi observada na forma como desempenharam o seu trabalho, na constante pesquisa sobre as temáticas, no tempo que despendiam no aperfeiçoamento das tarefas, nas dúvidas que iam sendo colocadas ao estagiário, na organização do seu espaço de trabalho, na autonomia, na correta aplicação dos materiais e conhecimentos e nos resultados finais com a criatividade e expressão dos trabalhos.

Os aspetos anteriormente referidos, constituíram fatores que influenciaram o comportamento. Alunos que demonstram motivação para as tarefas, são alunos que estão menos disponíveis para comportamentos desadequados dentro de sala de aula, pelo que a motivação está intrinsecamente ligada à apropriação que o aluno faz dos trabalhos propostos. Assim verificou-se um comportamento adequado na distribuição dos materiais, no desenvolvimento dos trabalhos, na intervenção em sala de aula e no respeito pelos trabalhos dos colegas.

Mais uma vez, a escolha das U.T., foi fundamental na obtenção dos resultados referidos, pois esta, foi deliberadamente ao encontro dos interesses dos alunos, sendo elaborados trabalhos, como a gravura e o quadro coletivo, técnicas e procedimentos com as quais os alunos não tinham tido contacto prévio.

Através dos trabalhos desenvolvidos, bem como, a sua posterior divulgação à comunidade escolar, com a elaboração de uma exposição, conseguiu-se obter um feedback por parte desta, que referiu a qualidade apresentada na maioria dos trabalhos e demonstrou interesse em aplicar a metodologia utilizada, tendo alguns dos professores do mesmo nível de ensino e de níveis superiores, reproduzido esta metodologia de projeto nas suas turmas.

Uma das limitações encontrada prende-se com o facto da turma ter sido dividida em dois grupos, nos quais foram utilizados métodos diferentes. Sugere-se que o estudo seja realizado com o mesmo grupo de alunos em formato de pré e pós-teste no sentido de se averiguar os efeitos da metodologia ao longo do ano letivo.

Por último é de referir que o facto da disciplina ser ministrada por diferentes professores no grupo 1 e no grupo 2, o que poderá ser ter influenciado os resultados.

Propõe-se que o estudo seja aplicado a uma amostra representativa da população, a fim de se poderem generalizar os resultados, bem como estudar outras variáveis que possam ter relevância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arends, R. I. (2008). *Aprender a Ensinar*. Madrid: Editora McGraw-Hill
- Barroso, J. (1992). Fazer da escola um Projeto. in Canário R. (org.), *Inovação e Projeto Educativo de Escola*. Lisboa: Educa. (pp. 17 – 55).
- Castro, L. B. & Ricardo, M. M. C. (2001). *Gerir O Trabalho de Projeto*. Lisboa: Texto Editora
- Delors, J. et al. (1998). Educação, um tesouro a descobrir. *Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez Editora
- Estrela, M. T. (2010). *Profissão docente, Dimensões Afectivas e Éticas*. Porto: Areal Editores.
- Formosinho, J., & Formosinho, J. (2011). A perspetiva pedagógica da associação criança: A Pedagogia-em-Participação. In J. Oliveira- Formosinho & R. Gambôa (Orgs.), *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*. Coleção Infância. Porto: Porto Editora. (pp. 11 - 45)
- Gambôa, R. (2011). Pedagogia-em-Participação: Trabalho de Projeto. In J. Oliveira-Formosinho & R. Gambôa (Orgs.), *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*. Coleção Infância. Porto: Porto Editora. (pp. 47 - 81)
- Kilpatrick, W. (2007). O método de projeto. *Revista Currículo Sem Fronteiras: Revista Para Uma Educação Crítica e Emancipatória*, 11 – 29.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. São Paulo: Artmed.
- Leite, E., Malpique, M., & Santos, M. R. (1991). *Trabalho de Projeto - 1. Aprender por Projetos Centrados em problemas*. Porto: Edições Afrontamento
- Mateus, M.N.E. (2011). Metodologia de Trabalho de Projecto: Nova relação entre os saberes escolares e os saberes sociais. *EDUSER: Revista de Educação*, Vol.3 (2).
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação-Departamento da Educação Básica.
- Munari, B. (2011). *Das coisas nascem coisas*. Coimbra: Edições 70.

Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (1998), *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Santos, M. (2005). *A formação cívica no ensino básico*. Porto: Edições Asa.

Savater, F. (1997). *O valor de educar*. Lisboa: Editorial Presença.

Tuckman, B. (1994). *Manual de Investigação em Educação - como conceber e realizar o processo de investigação em Educação* (4ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXOS

Anexo I - Caracterização da Escola/ Projeto Educativo

Anexo II - Projeto Curricular de turma

Anexo III - Planificações a Curto Prazo - Fase de Diagnóstico

Anexo IV - Diários de Bordo - Fase de Diagnóstico

Anexo V - Imagens dos resultados das Unidades de Trabalho - Fase de Diagnóstico

Anexo VI - Ficha de Autoavaliação e Grelha de avaliação Final

Anexo VII - Planificação a Médio Prazo (Unidades de Trabalho) - Projeto de Intervenção

Anexo VIII - Planificações a Curto Prazo - Projeto de Intervenção

Anexo IX - Diários de Bordo - Projeto de Intervenção

Anexo X - Grelhas de observação diárias e finais das Unidades de Trabalho

Anexo XI - Recursos Didáticos apresentados

Anexo XII - Imagens dos resultados das Unidades de Trabalho - Projeto de Intervenção

Anexo XIII - Fichas de Autoavaliação e Grelha de avaliação Final

Anexo XIV - Imagens das Exposições Finais dos Trabalhos elaborados pelos alunos